

LEANDRO DEMORI

Cosa Nostra no Brasil

*A história do mafioso que derrubou
um império*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Leandro Demori

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Rodrigo Maroja

Foto de quarta capa

Mondadori Portfolio/ Contributor/ Getty Images

Preparação

Cláudia Cantarin

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Arlete Souza

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Demori, Leandro

Cosa Nostra : a história do mafioso que derrubou um império / Leandro Demori. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2827-3

1. Buscetta, Tommaso, 1928-2000 2. Crime organizado - Brasil 3. Ditadura - Brasil 4. Livro-reportagem 5. Máfia - Itália - História 1. Título.

16-07824

CDD-364.10609

Índice para catálogo sistemático:

1. Máfia : Crime organizado : História 364.10609

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

PARTE I.	9
Os Beatos Paulos.	14
O pequeno ditador.	21
Tommaso vai à guerra.	27
Homem feito: a iniciação na Cosa Nostra.	33
Uma outra América: Argentina e Brasil nos anos 1950.	39
Ascensão na máfia e um encontro secreto.	48
Heroína.	52
Uma nova vida nos Estados Unidos.	70
Brasil, 1971: French Connection.	94
Um encontro com Jango.	115
O cerco se fecha.	131
PARTE II.	143
A máfia abandona Masino.	162
Fugitivo.	188

De volta ao Brasil.....	192
A Segunda Guerra da Máfia.....	205
Cocaína pura.....	210
Eu me chamo Tommaso Buscetta.....	224
Epílogo.....	244
<i>Referências bibliográficas.....</i>	<i>253</i>
<i>Créditos das imagens.....</i>	<i>257</i>
<i>Índice remissivo.....</i>	<i>259</i>

PARTE I

É preciso preparar os pulmões quando a porta do avião está aberta em pleno voo. A descarga descomunal de potência dos motores à hélice e o ar irrefreável e gelado atingem a cabine, confundem os sentidos e deixam o espaço mínimo ainda menor. O barulho é assustador. Ele está sentado sozinho em um dos bancos de aparência improvisada. Tem as mãos amarradas. A tensão comprime as pupilas, porém o rosto permanece imóvel e indolor. Tem a face quadrada e grande, o queixo é ossudo e a boca está semicerrada. Vê a mulher desmaiada no chão da aeronave, mas sabe que não adianta lutar.

O delegado a reanima aos berros. Maria Cristina é uma jovem de vinte e poucos anos, cabelos louros e encaracolados, bela e de aspecto frágil. O delegado não acredita no desmaio apesar do barulho, do frio e da pressão, mas ela sente náuseas insuportáveis — está grávida de quatro meses. Em pé, sustentada mais uma vez pelos cabelos, é posicionada junto à porta aberta da aeronave. Ele assiste a tudo sem dizer uma palavra. Como se fosse um pêndulo, o corpo de Maria Cristina é empurrado para fora; os pés estão o

tanto quanto podem firmes no chão, a parte de cima do torso fica suspensa no vazio. Ela é balançada para fora e está prestes a ser jogada do avião, caso ele não confesse. Fica impassivo diante da cena, mesmo vendo em perigo a mulher que ama e que conheceu há pouco mais de um ano na praia de Copacabana.

Estava olhando o mar junto ao filho, que se despedia de algumas amigas. Ao lado, duas moças tentavam decifrar a língua falada pelos desconhecidos quando ele, percebendo o interesse, puxou papo. A conversa fluiu na medida do possível em uma mistura de inglês e espanhol até que uma das moças disse falar italiano. Encantado pela pequena de cabelos encaracolados, lembra-se de descaradamente convidá-la para bebericar em algum bar naquela mesma noite. No dia seguinte estavam juntos, e no outro, e também no outro, e então aconteceu algo que nenhum dos dois pôde evitar. Nos primeiros dias, já consciente de que a paixão havia tomado conta de ambos, não sabia como se apresentar. Ela conseguiria suportar quem ele realmente era? Mentiu. Disse ser um ítalo-americano que havia escolhido o Brasil por prazer e aventura. Aos 21 anos, Maria Cristina era uma jovem bem-criada pela alta classe paulista, filha de um advogado e fazendeiro que frequentava os altos escalões do poder nacional. Ele tinha idade para ser seu pai: era 22 anos mais velho, nascido e criado em um mundo completamente diferente, procurado pela polícia de diversos países, foragido da Itália havia quase uma década e talvez, àquela altura, já havia tido tantos nomes e tantas identidades falsas quanto ela tinha comemorado aniversários.

Antes de serem presos em uma praia em Santa Catarina, mantidos por dez horas no porta-malas de um camburão e embarcados naquele avião militar, os únicos pecados confessados por ele eram um matrimônio oficial, outro não consumado judicialmente e filhos com cada uma das ex-esposas. Nem uma palavra sobre seu passado criminoso que o acompanhava aonde quer que

fosse, sob qualquer passaporte que sustentasse sua foto, desgraçando qualquer nome que ousasse adotar ilegalmente. Suspensa no ar e em pânico, Maria Cristina não compreendia o que os policiais do temido Departamento de Ordem Política e Social (Dops) queriam que Tomás Roberto Felice confessasse. Ele apenas observava o delegado como o chefe de uma tribo remota observa pela primeira vez um homem branco. Talvez tivesse sonhado naquela noite um sonho recorrente que acreditava sempre lhe trazer desgraça: a mãe, a filha, uma cunhada ou qualquer outra mulher de sua família o beija na boca e então, nos dias seguintes, ocorre um grande desastre. A brutalidade do regime militar brasileiro mal havia começado a deixar cicatrizes em seu corpo, naquele Dia dos Mortos, 2 de novembro de 1972, mas, diante de um grito desesperado de Maria Cristina, temendo verdadeiramente perder aquilo que naquele momento tinha de mais precioso, olha para o agente do Dops e diz a seco: “Me chamo Tommaso Buscetta, não sou um delator e só falo em público”.

O avião pousaria em São Paulo poucos minutos depois.

Os agentes levariam os prisioneiros Maria Cristina de Almeida Guimarães e Tommaso Buscetta para um local secreto.

Os Beatos Paulos

Um rumor de vozes rompe o silêncio da noite e um repentino agrupamento de tochas ilumina a plebe congelada diante da forca. Protegidos por guardas, o carrasco e seus ajudantes penduram pelos pés dois corpos quase nus como se fossem aves de caça recém-abatidas. Torturados e estrangulados nas celas mais imundas da Europa, o taberneiro e o padre são expostos em praça pública como exemplo — ninguém deve afrontar o poder dominante na Sicília medieval.

Os dois homens haviam sido mortos por pertencerem a uma seita secreta de vingadores populares cuja existência jamais foi provada e que só circulou pelo povo por meio de relatos orais. Não importa. O livro que estendeu a fama dos bons vilões, *I Beati Paoli*, escrito pelo jornalista Luigi Natoli e publicado antes como folhetim em 239 capítulos no *Giornale di Sicilia* entre 1909 e 1910, é, ainda hoje, o único livro que boa parte dos sicilianos leu na vida. O romance se passa em uma Palermo dominada por nobres e pelo clero e remonta ao século XII, quando a única fonte de justiça para a gente comum eram os Beatos Paulos. As proezas da

facção que espalhava o terror vingando os desgraçados eram lidas por todas as classes sociais, declamadas nas casas, recitadas aos cegos e aos analfabetos. A leitura tinha um ar de pregação religiosa; *I Beati Paoli* era a bíblia da sicilianidade. As ramificações da organização eram temidas em toda a ilha, mas conhecidas apenas pelo supremo tribunal que supostamente a dirigia. Seus membros não sabiam em quantos eram, nem mesmo conheciam seus irmãos: as reuniões eram feitas em uma antiga necrópole cristã subterrânea e os neófitos eram conduzidos com os olhos vendados aos rituais de iniciação, onde todos vestiam roupas pretas e capuz.

É improvável que a Cosa Nostra tenha surgido dos Beatos Paulos. O primeiro documento que traz a palavra “máfia” data de 1837, quando a ordem nominada em homenagem ao apóstolo Paulo — se tivesse existido — já havia desaparecido. Naquele ano, o procurador-geral de Trapani, Pietro Calà Ulloa, reportou atividades de estranhas seitas dedicadas ao crime que agiam nos pastos e plantações.

A popularização da Cosa Nostra é um dos primeiros sinais da modernidade italiana. Com o fim de um dos últimos sistemas feudais do Ocidente, os nobres donos de terras no interior imediatamente vizinho a Palermo passariam ainda mais tempo em seus palácios na cidade. Para manter os servos no campo e não perder suas propriedades, confiaram a proteção dos antigos feudos a pequenos fazendeiros, cultivadores de frutas, criadores de animais e trabalhadores braçais que se converteram em força policial privada. A violência era o único argumento para manter a ordem. Em troca, recebiam liberdade para agir sem lei em benefício próprio, desde que não lesassem os senhores.

Assim a máfia se difunde na segunda metade do século XIX, unindo “gente de bem” a criminosos profissionais, divididos entre criadores de animais e agricultores — no profundo interior — e uma classe média emergente de exportadores que enviava limão,

laranja, óleo de oliva, peixes e verduras — sobretudo para os Estados Unidos, desde os anos 1830 — nas zonas mais próximas ao porto de Palermo.

A fama da máfia se espalhou com rapidez pela ilha e chegou às massas de toda a Itália em 1863 na representação teatral de um drama popular escrito em siciliano intitulado *I mafiusi della Vicaria*. Traduzida em italiano, napolitano e milanês, a peça tornou corrente a expressão “máfia”, usada para descrever ações destemidas, violentas, misteriosas e ilegais. A história é centrada em Gioacchino Funciazza, o “Cara Feia”, criminoso preso no cárcere Vicaria, em Palermo. Uma de suas regras pétreas é pagar o *pizzu*, a proteção, a extorsão, para evitar que alguém faça mal ao detento — sobretudo ele próprio, o Cara Feia. O *pizzu* é a base da máfia, a origem de sua estrutura. Mais do que apenas fonte de lucro, é ainda hoje um sistema eficiente de controle territorial. Feirantes pagam, dentistas, advogados, médicos, construtores pagam, supermercados, farmácias, escolas de idiomas, boates, bares, cafeterias, cabarés. Todos. O imposto mafioso é o elemento químico fundamental ao funcionamento da organização. Do alto de sua gangue, o protagonista da peça, Gioacchino Funciazza, ajuda aos que pedem, batiza afiliados, apresenta regras, faz subir de cargo os mais fiéis e capazes e chama a todos de “mafiosos”, termo de origem controversa que na Sicília daquele tempo tinha conotação positiva — adjetivo que indicava superioridade, algo de especial, extraordinário. Uma casa bem-arrumada era *una casa mafiusedda*. Fazer charme usando um chapéu da moda era usá-lo *alla mafiosa*. Uma senhora elegante era chamada de *bella mafiosa*.

Se não é certo que a Cosa Nostra seja da mesma costela que os Beatos Paulos, é sabido que se apropriou da história dos vingadores de Palermo, assumindo o discurso de prover proteção ao povo. A promessa de um mar sem ondas esconde uma correnteza de *omertà*, palavra que define o sentimento mafioso de fazer

justiça com as próprias mãos, de manter a moral imaculada e jamais aceitar um desaforo — de ser, em suma, um Estado dentro do Estado. E de matar. Dezenas, centenas, milhares de opositores, tantos quanto forem necessários e ainda mais tantos outros. A *omertà* fala através dos silêncios, mas sua expressão corporal é o homicídio. Solta sinais de alerta com os animais decapitados e as empresas incendiadas aos que não pagam o *pizzo*. Todos os dias a máfia e sua *omertà* incidem na vida como um veneno letal que se ingere em pequenas doses, um parasita que asfixia e enfraquece na medida exata até o último instante antes da morte, uma *honra* particular que mistura a família natural àquela mafiosa, que mantém a respiração curta, mas suficiente. E que crê em Deus enquanto quebra todos os mandamentos.

O personagem Gioacchino “Cara Feia” Funciazza foi inspirado em um mafioso de carne e osso. O autor da peça de teatro que o retratou baseou seu comportamento e suas características em Gioacchino D’Angelo, um chefão das antigas que teve a existência pouco documentada pela Justiça e pelos jornais da época. Sua trajetória pode ser somente intuída, com base nas atividades dos clãs nos primórdios da organização: D’Angelo poderia comprar e vender água monopolizando o comércio no interior, carente de fontes. Poderia plantar limão e laranja usando trabalho semiescravo, aproveitando-se de um sistema ainda semifeudal. Poderia roubar animais de leite e corte; matar animais clandestinamente para abastecer os mercados gerais de Palermo. Comprar e vender túmulos em cemitérios, usando-os como moeda em outros negócios. Se fosse um *capo*, um dos cabeças da época, Gioacchino D’Angelo comandaria a cobrança do *pizzo* em algum dos quatro grandes mercados de rua da capital.

Um artigo publicado um ano após a estreia da peça se interessa pela máfia como fenômeno social. O barão Niccolò Turrisi Colonna, rico proprietário de terras e senador no nascente Reino

da Itália, descreve o conceito de “seita”, “camorra” ou “umiltà” que girava entre os clãs criminosos. A palavra “umiltà” — na cultura maçônica italiana da época — resumiria a regra da obediência: “respeito e devoção à seita (maçônica) e a obrigação de cuidar para que qualquer ato não desonre diretamente ou indiretamente os afiliados”, escreveu o barão. Rebatizada no dialeto siciliano, *umiltà* se converte em *omertà*, termo-chave da terminologia mafiosa.

A máfia agia como impermeabilizante social. Suas atividades clandestinas se criavam em fissuras cotidianas, lugares sem o preenchimento da Itália unificada. A República avançava. Caíam reis, floresciam chefões.

As fontes de lucro das famílias permaneceram mais ou menos estáveis durante a primeira metade do século xx. A Segunda Guerra Mundial desgraçou tudo. Mafiosos foram perseguidos. Muitos imigraram para outros países, dividindo os grupos. A secura nos negócios perdurou até o fim dos conflitos. Após o armistício, fotografias aéreas tiradas a bordo de aviões militares americanos mostravam uma Sicília em pedaços. Onde a população via destroços, o crime previa novos mercados. Terminava o que se poderia chamar de “era agrícola” da máfia — ela seria suplantada por décadas de especulação imobiliária, clientelismo estatal, influência sobre os bancos e, mais tarde, pela mãe de todas as fortunas: a droga. Um tempo de riqueza e violência que faria nascer e morrer uma linhagem de chefões gananciosos, matadores e terroristas. Se pouco se sabe sobre Gioacchino D’Angelo, um dos primeiros padrinhos conhecidos, quase tudo se sabe sobre Matteo Messina Denaro, considerado o último chefe de uma Cosa Nostra tão romântica quanto irreal que inspirou escritores e cineastas.

Nascido em Castelvetro em abril de 1962, Matteo é filho de Francesco Messina Denaro, o Don Ciccio, histórico *padrino* da cidade de 30 mil moradores na província de Trapani. Entrou pa-

ra a máfia ainda jovem: praticou seu primeiro homicídio aos dezoito anos. Foi sua carta de admissão. Desde então, seus mortos poderiam encher um cemitério. Matteo Messina Denaro e Gioacchino D'Angelo são *uomini d'onore* da mesma essência, água do mesmo poço. Denaro herdou poder e fabricou estilo — forjou sua personalidade mergulhado em ícones de uma nova geração de *malviventi*, adolescentes dos anos 1970 consumidores de pop, videogames e quadrinhos, que se tornaram empreendedores globais no mercado de drogas, armas, moda, eletrônicos, construção civil, bolsa de valores ou qualquer ramo lucrativo em que o dinheiro possa corromper. “Desejo tanto te dar um presente. Li em uma revista de videogames que saiu a fita de Donkey Kong 3 e não vejo a hora de poder comprá-la para você. Aquela de Secret of Mana 2 não chegou ainda”, revela uma carta de amor apreendida em 1998 escrita por uma das mulheres do criminoso. Denaro é chamado de “Diabolik”, como o anti-herói da *graphic novel* homônima criada pelas irmãs Angela e Luciana Giussani justamente em 1962, ano em que nasceu.

Diabolik é foragido da Justiça desde 1993. Acusado de comandar parte da organização criminosa depois da prisão de chefes mais antigos, fez fama na revista *Forbes* como o quarto milionário mais procurado pelas autoridades no mundo. Para as forças de ordem italianas, ele representa um anel entre a velha e a nova máfia. Criado dentro da criminalidade em um momento crítico — quando guerras entre clãs rivais opunham famílias —, aprendeu lições valiosas e se tornou guardião dos segredos de dois dos principais *capos* mafiosos de todos os tempos: seus antecessores Salvatore “Totò” Riina, chamado de “A Besta” por sua violência ou “O Curto”, em referência à sua estatura, e Bernardo Provenzano, chamado de “O Trator”, suposta alusão aos estampidos sequenciais de uma metralhadora. Riina e Provenzano são os ex-chefes da máfia da cidade de Corleone, pequeno vilarejo

distante uma hora de Palermo. Hoje, Riina está em uma cela isolada cumprindo prisão perpétua. Provenzano morreu em julho de 2016 cumprindo a mesma pena. Denaro pode ser considerado um velho *boss* mafioso, mas é produto de seu tempo. A lenda criada em torno dele retrata um amante de camisas de grife, calças Giorgio Armani (ou Versace), relógios Rolex, sapatos de alto nível, perfumes caros, *foulards*. Como fazem todos os mafiosos fugitivos, deve estar escondido em seu próprio território, talvez não longe de casa, a ponto de poder se arriscar por ruas conhecidas guiando um Smart — carro símbolo de status — ou dentro de um Porsche esportivo. É impossível separar ficção e realidade na vida do chefe Denaro, apelidado também de “O Playboy” por esbanjar estilo oposto ao dos velhos *capos* da organização, donos de poucos pares de sapatos.

Desde 2010, a cabeça de Diabolik vale 1,5 milhão de euros, disponíveis a quem o denunciar à polícia. O anonimato é garantido, mas o consenso territorial alcançado através do *pizzo* mantém a população de boca fechada. A fortuna permanece em uma mala na Divisão de Investigação Antimáfia à espera de um dono que talvez jamais apareça.